

os melhores filmes do século XXI



**UM EXEMPLO BANAL DE CONDICIONAMENTO
DO LIVRE ARBÍTRIO**

H. D. CERQUEIRA DE SOUZA

OS MELHORES FILMES DO SÉCULO XXI

Um exemplo banal de condicionamento do livre arbítrio

ABSTRACT

A BBC article (August, 23rd) entitled *The 21st Century's 100 Greatest Films* that presented *The best that cinema has had to offer since 2000 as picked by 177 film critics from around the world*, was republished in Portuguese by the *Observador* with the title *David Lynch's "Mulholland Drive" is considered to be the best movie of the century*. This attempt to determine 21st Century's Greatest Films in the year 16 is just a crude example of how established and self-appointed opinion makers try to constraint future generations' views and aesthetics by imposing, or trying to impose, a control over future choices with a permanent reference of comparison. In other words, by declaring this early that David Lynch's "Mulholland Drive" is *the best movie* of the century they are in fact keeping it artificially alive and forcing both future critics and future filmmakers to quote it, or see it, as a *reference*.

Keywords: BBC, Mulholland Drive, David Lynch, critics.

Como citar este artigo:

SOUZA, H. D. Cerqueira de (2016). Os Melhores Filmes do Século XXI: Um exemplo banal de condicionamento do livre arbítrio. Palmela: Edição de Autor.

OS MELHORES FILMES DO SÉCULO XXI

Um exemplo banal de condicionamento do livre arbítrio

«An invidiam posteritatis times?»

MARCUS TULLIUS CICERO

Qualquer leitor que esteja a ler este artigo no ano 16 do século XXI, ou até um pouco depois, não deixará de se questionar sobre os méritos de se elaborar uma lista com os melhores filmes do século (quando o século vai ainda apenas a 16%). Foi exactamente essa a minha reacção quando li o artigo publicado no *Observador*, no dia 23 de Agosto^[1], onde se lia que 177 críticos haviam escolhido *os 100 melhores filmes do século XXI*. Pensei que talvez não tivesse ocorrido a Rita Neves Costa, a autora do artigo, quão enganadora, e ambígua, essa afirmação podia ser. Mais, o título do artigo era “*Mulholland Drive*” de David Lynch considerado o melhor filme do século, quando poderia muito bem ter sido *o melhor filme dos últimos*

¹ <http://observador.pt/2016/08/23/mulholland-drive-de-david-lynch-considerado-o-melhor-filme-do-seculo/>.

anos, ou *o melhor filme deste início de século*, ou qualquer outra variante que fosse menos ambígua e certamente menos *condicionante* para as gerações futuras que ainda têm mais 84 anos para decidirem, pelas suas cabeças e com a devida distância, quais foram *de facto* os melhores filmes do século XXI.

O artigo, respigado de um outro, da BBC^[2], com um título igualmente enganador *The 21st Century's 100 Greatest Films*^[3], suavizado pelo subtítulo onde se lia *The best that cinema has had to offer since 2000 as picked by 177 film critics from around the world*^[4], apresentava uma lista de cem filmes, começando pelo último lugar (o que é mais elegante do que a versão do *Observador* que começa pelo N.º 1) mas comete o erro (que o *Observador* repete) de incluir 8 filmes do ano 2000, o último ano do século XX, nos melhores do século XXI. Esse erro grosseiro, de fazer do ano 2000 o primeiro do século XXI, teve início com as festividades da passagem do milénio (que os autores recordam^[5]) e foi explicado até à exaustão, mas parece permanecer no discurso de pessoas pouco preocupadas com *miudezas*. Poder-se-ia até argumentar que, como há um lapso de tempo entre a produção de um filme e a sua apresentação pública, estes tivessem sido produzidos durante o ano 2000, mas só tivessem sido apresentados publicamente no ano

² <http://www.bbc.com/culture/story/20160819-the-21st-centurys-100-greatest-films>.

³ *Os Melhores (ou Maiores) Filmes do Século XXI* (Tradução do Autor).

⁴ *O melhor que o cinema teve para nos oferecer desde 2000 segundo a escolha pessoal de 177 críticos de cinema de todo o mundo* (T. do A.).

⁵ Not only did we all celebrate the turn of the millennium on 31 December 1999 [...]

seguinte, o que não foi o caso. Todos os oito, sem exceção, foram apresentados durante o ano 2000 — quatro no mês de Maio, em Cannes^[6]; dois em Julho^[7]; e dois em Setembro^[8] — o que faz com que, pelo menos os primeiros quatro, tenham sido produzidos provavelmente no ano anterior. São, com toda a propriedade, filmes do final do século XX. Então porque foram incluídos nos *melhores* do século XXI?! A desculpa dos autores é que *o ano 2000 foi um marco do cinema global e viu a emergência de novos clássicos, particularmente vindos da Ásia, como nunca antes se tinha visto*^[9]. E vamos então retirá-los do final do século, onde pertencem, e incluí-los no século XXI?! Porquê?! O que é o final de um século (ou de uma década, ou de um milénio) senão uma *teoria* de partição, uma divisão *conceptual* sem qualquer correspondência na natureza com algo que seja *perceptível* ou *comensurável*?! Porque não elaborar uma lista dos melhores filmes dos últimos 25 anos (1990-

⁶ *A vida não é um sonho* (Requiem for a Dream), de Darren Aronofsky (14), *Yi-yi*, de Edward Yang (15), *O Tigre e o Dragão*, de Ang Lee (18) e *Disponível para Amar*, de Kar-Wai Wong (20), foram todos apresentados durante o mês de Maio no Festival Internacional de Cinema de Cannes em 2000.

⁷ *Os respigadores e a respigadora* (Les glaneurs et la glaneuse), de Agnès Varda (6 de Julho de 2000, televisão) e *A harmonia de Werckmeister* (Werckmeister Harmóniák), de Béla Tarr (12 de Julho de 2000, Festival de Cinema Cinedecouvertes Age D'or, Bruxelas).

⁸ *Quase Famosos* (Almost Famous), de Cameron Crowe (8 de Setembro de 2000, Festival Internacional de Cinema de Toronto) e *Memento*, de Christopher Nolan (5 de Setembro de 2000, Festival Internacional de Cinema de Veneza).

⁹ [...] *the year 2000 was a landmark in global cinema, and, in particular, saw the emergence of new classics from Asia like nothing we had ever seen before.*

2015)?! Seria, não apenas mais correcto sob o ponto de vista metodológico, mas até mais interessante.

O que este tipo de iniciativas tem de irritante, não são estas pequenas *in correcções*, ou uma certa leviandade metodológica, nem sequer a ligeireza dos respigadores^[10], o que tem de irritante é a forma como se instrumentaliza para instituir *paradigmas presuntivos* cujo único objectivo é *condicionar* o futuro, e a sua visão crítica, retirando-lhes, ou diminuindo consideravelmente, a possibilidade de *livre arbitrio*, e contaminando a autonomia do conhecimento e das fontes históricas com uma *falsa* hierarquização de valores, ou com uma valorização *artificial*.

A geração moribunda do fim de século, do século XX, está a tentar *impor* às gerações futuras um *termo comparativo* que lhes prolongue *artificialmente* a sua existência mediática, ou se quisermos, a sua sobrevivência face ao surgimento de novos valores, isto é, está a tentar projectar-se para lá da sua vida natural com a criação de um termo de comparação *permanente*. Nos anos trinta, ou nos anos cinquenta, os novos críticos sentir-se-ão obrigados a referir que *Mulholland Drive* já não está no *primeiro lugar* dos melhores filmes do século, ou que foi *ultrapassado* pelo filme *tal*, do ano *tal*, quando muito provavelmente não haverá sequer razão para ser *mencionado*, simplesmente porque *não era*, nem nunca foi, *o melhor filme do*

¹⁰ O artigo do *Observador* nem sequer se deu ao trabalho de traduzir os títulos dos filmes grafando-os todos no Inglês, mesmo aqueles que não eram originalmente de língua inglesa.

século. Era o produto intelectual *de, para e por*, uma pequena classe, hermética e ininteligível, de autoproclamados *críticos* que, não foram seleccionados como os catedráticos, entre os melhores do mundo académico, nem foram eleitos por maioria de votos, como os políticos ou as *misses*, foram investidos em *corporações* compostas por outros autoproclamados *críticos*, depois de terem jurado obediência à *regra* da confraria e, muitas vezes até, depois de um longo e penoso *noviciado* que se poderia também designar por *noivado crítico*, que consiste em *divorciar* o noviço da *realidade*. Dizia Skinner que o sofrimento é a melhor forma de domínio e de condicionamento^[11].

E porque é *Mulholland Drive* o melhor filme do século?! Luke Buckmaster^[12], da BBC, explica: *Mulholland Drive é um comentário brilhante sobre as maquinações de Hollywood*^[13]. Em resumo: o melhor filme do século (que ainda não aconteceu) é uma visão íntima, de um cineasta já veterano, sobre a indústria do cinema norte-americano do final do século passado, produzida no primeiro ano deste século, depois de ter sido uma experiência televisiva falhada em 1998^[14]. E não há

¹¹ No original é *castigo* (punishment) e não *sofrimento*, mas o conceito é idêntico: *The commonest technique of control in modern life is punishment*. (SKINNER, 2014:182).

¹² <http://www.bbc.com/culture/story/20160822-why-mulholland-drive-is-the-greatest-film-since-2000>

¹³ *Mulholland Drive is a brilliant commentary on Hollywood's machinations*.

¹⁴ *Beginning life during the development of Lynch's cult TV show Twin Peaks, the director eventually pitched an idea for Mulholland Drive as a series in 1998*.

muito mais a dizer sobre o filme. Expressões como *dream-like veneer* ou *dream-like ambience*^[15] servem apenas para esconder essa incapacidade de *enunciação*. Todos concordam que *Lynch criou um pacote muito apelativo para os críticos*^[16], o que se confirma, e o pacote produziu o *efeito* desejado: quando confrontados com a sua incapacidade de *explicar* o que *não tem explicação*, os críticos, pouco habituados a uma racionalização dos seus argumentos com fundamentos lógicos, ficaram reféns dos seus próprios mecanismos emocionais de *adjectivação apologética*. É a velha história de *o rei vai nu*. E assim se vai fazendo e condicionando a história do cinema.

✻ ✻ ✻

¹⁵ *Acabamento* (verniz) *onírico* ou *ambiente onírico*. A escolha de *onírico* serve para evitar uma tradução literal de *dream-like* por *como-num-sonho*.

¹⁶ [...] *created a very appealing package for critics*.

PALMELA, 2016
TIRAGEM DE 100 EXEMPLARES

CAPA E ARRANJO GRÁFICO DE
PEDRO CORTE REAL

ESTA OBRA NÃO TEM DIREITOS DE AUTOR
PODE SER REPRODUZIDA LIVREMENTE